

PROCESSO DE ENFERMAGEM – EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS PELO ENFERMEIRO ASSISTENCIAL

NURSING PROCESS - EXPERIENCES LIVED BY CLINICAL NURSE

Artigo Original

Conceição Almeida Carvalho¹
Zélia Maria de Sousa Araújo Santos²
Amábili Couto Teixeira de Aguiar³
Sâmila Guedes Pinheiro⁴
Meirylane Gondim Leite⁵

RESUMO

Estudo qualitativo com o objetivo de descrever as experiências vivenciadas por vinte enfermeiros assistenciais com a implementação do processo de enfermagem (PE) em uma instituição pública de saúde em Fortaleza-Ceará-Brasil. Os enfermeiros percebiam a importância do PE para definição do seu papel junto ao usuário e à instituição, eficácia no planejamento da assistência, facilitação na avaliação da assistência prestada, viabilização dos registros, possibilidade de atendimento integrado, melhoria na qualidade da assistência prestada, aproximação enfermeiro/usuário, valorização profissional, e guia indispensável para assistência integral. No entanto, apresentavam déficit de conhecimento teórico-prático para a sua aplicação, e queixavam-se de descaso da equipe de enfermagem em relação ao cumprimento da prescrição de enfermagem, naqueles cuidados que lhes são atribuídos a responsabilidade de executá-los, conforme a Lei do Exercício Profissional. Ressalta-se que para implantar e implementar o PE é imprescindível a capacitação de recursos humanos em um programa de educação permanente.

Palavras-chave: Cuidados de Enfermagem; Educação em Enfermagem; Enfermagem.

ABSTRACT

Qualitative study aimed to describe the experiences of twenty clinical nurses with the implementation of the nursing process (NP) in a public health institution in Fortaleza, Ceará, Brazil. The nurses perceived the importance of NP for defining its role with the user and the institution, effectiveness in care planning, facilitating the assessment of care, enabling records, possibility of integrated care, improved quality of care, nurse approach/user, professional development, and indispensable guide for comprehensive care. However, they presented theoretical and practical knowledge deficit for their application, and complained of neglect of the nursing staff in relation to compliance with nursing prescription in those care it gives them the responsibility to execute them, according to the Law the Professional Practice. It is noteworthy that to deploy and implement the NP is essential to human resources training in a lifelong learning program.

Keywords: Nursing Care; Nursing Education; Nursing.

¹ Enfermeira. Hospital São Carlos. Fortaleza-Ceará.

² Enfermeira. Pós-Doutora em Saúde Coletiva. Professora titular do Curso de Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) -PPGSC/UNIFOR. Fortaleza-Ceará-Brasil. E-mail: zeliasantos@unifor.br

³ Enfermeira no Hospital Geral Waldemar de Alcântara-HGWA. Mestranda no PPGSC/UNIFOR. Fortaleza-Ceará-Brasil.

⁴ Acadêmica de Enfermagem da UNIFOR. Bolsista no Programa de Iniciação Científica e Tecnológica-PIBIC/FUNCAP. Fortaleza-Ceará-Brasil.

⁵ Acadêmica de Enfermagem da UNIFOR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica -PIBIC/CNPq. Fortaleza-Ceará-Brasil

INTRODUÇÃO

Processo de Enfermagem (PE), Metodologia da Assistência de Enfermagem (MAE) ou Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), é uma atividade privativa do enfermeiro, que por meio de um método de trabalho científico levanta as situações de saúde e identifica o (s) diagnóstico (s), para nortear o planejamento do cuidado (prescrição de enfermagem) para fins de implementar as ações de enfermagem, com vista a contribuir para a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde do indivíduo, da família e da comunidade.

O PE é um dos instrumentos básicos utilizados na prática de enfermagem, como também, consiste em uma tecnologia em saúde, cujo objetivo é direcionar o cuidado de modo integral no atendimento às necessidades das pessoas.

Os profissionais da equipe esperam que o PE possibilite mudanças relacionadas à melhoria da qualidade da assistência, à possibilidade de capacitação e conhecimentos científicos, crescimento da profissão, além de associá-lo à humanização da atenção de enfermagem⁽¹⁾.

A aplicação do PE busca identificar e tratar os problemas do cliente, de forma segura e eficaz. Como resultado, os enfermeiros fazem julgamentos críticos e diagnósticos de enfermagem, planejando, implementando e avaliando suas ações realizadas, isso, proporcionada segurança ao cliente. Quanto à segurança para os enfermeiros, ele torna-se um instrumento adequado para o desenvolvimento de suas atividades, norteador a assistência em todo o âmbito de ação dos profissionais de enfermagem⁽²⁾.

Nossas experiências vivenciadas com o PE iniciaram durante a vida acadêmica, desde as aulas teóricas, atividades teórico-práticas e os estágios, que o utilizávamos em todos os pessoas que cuidávamos. Nos campos de estágios (hospitalar), percebemos a importância do PE como guia no planejamento e na prestação do cuidado à pessoa, favorecendo a qualidade da assistência prestada e satisfação do receptor desta.

Todavia, nestes campos de estágio evidenciamos duas realidades distintas, pois somente em duas instituições públicas de saúde o PE estava implantado: uma nas Unidades de Terapias Intensivas (UTI) e Unidades de Internação (Enfermarias), e a outra na UTI. Não conseguimos compreender por que o PE não era utilizado como uma rotina na prática dos enfermeiros em qualquer espaço de prestação do cuidado, e por qual motivo ele se restringe basicamente ao ensino na graduação. Haja vista, que o PE delimita a função dos componentes da Equipe de Enfermagem, tem respaldo na Lei do Exercício Profissional, possibilita uma atenção integral à pessoa, facilita o trabalho do enfermeiro, e pode contribuir para promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde da pessoa.

Em face destes benefícios, questionamos: quais os motivos pela utilização simplória do PE?; e como alguns enfermeiros já estão conseguindo implementá-lo em sua prática profissional?. Mediante estas indagações, optamos por este estudo com objetivo de descrever as experiências que os enfermeiros assis-

tenciais têm vivenciado com a implementação do processo de enfermagem em sua prática profissional.

De acordo com Garcia e Nóbrega⁽³⁾, além da complexidade inerente ao próprio PE, podem ser identificadas outras dificuldades para sua implementação sistemática e efetiva na prática profissional, algumas relativas à formação profissional dos componentes da equipe de enfermagem e à organização de seu processo de trabalho; outras, às expectativas das instituições ou ambiente em que o cuidado profissional de enfermagem é realizado; outras, ainda, ao modo como a sociedade ou os gestores da saúde entendem a enfermagem e o papel de seus exercentes. Acredito como a autora que estes problemas só têm a dificultar a utilização do processo, mas creio que com empenho, estudo e tentando ultrapassar estas barreiras, conseguiremos aplicar o processo de enfermagem, já que em alguns hospitais, o mesmo já está sendo utilizado.

METODOLOGIA

Estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado em um hospital terciário do SUS em Fortaleza-Ceará, que presta atendimentos a pessoas com doenças do coração e do pulmão. A escolha dessa instituição se deve ao pioneirismo da implantação do PE e a sua utilização sistemática.

Participaram do estudo vinte enfermeiros lotadas em 03 (três) Unidades de Internação (enfermarias) num total de 89 (oitenta e nove) leitos para 09 (nove) enfermeiras, divididas por turnos (duas pela manhã, uma à tarde e outra à noite), e 01 (uma) Unidade de Terapia Intensiva com 8 (oito) leitos para 17 (dezesete) enfermeiros, sendo duas por turno. Os enfermeiros estavam na faixa etária de 26 a 47 anos, com tempo de formação variando de menos de 10 (dez) e acima de 20 (vinte) anos, e de exercício profissional de 01 (um) a mais de 20 anos. Cerca de 13 (treze) eram especialistas em Enfermagem Clínica-cirúrgica, 04 (quatro) em Enfermagem em Saúde Pública, e as demais em Educação em Saúde, e Enfermagem em Emergência.

Coletamos os dados durante os meses de agosto e setembro de 2013, por intermédio de uma entrevista não-estruturada, cuja questão norteadora: Descreva as experiências que o(a) Sr.(a) tem vivenciado com a implementação do PE?. Realizamos as entrevistas no local de trabalho, aprazamos conforme a disponibilidade dos enfermeiros, a duração média foi de 30 (trinta) a 40 (quarenta) minutos, e gravamos após autorização prévia dos entrevistados.

Para a organização dos dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo de Bardin⁽⁴⁾, que se compõe de três etapas realizadas em conformidade com três polos cronológicos diferentes. Essas etapas compreendem:

Pré-análise. Nesta etapa, realizamos leitura exaustiva do conteúdo das entrevistas com identificação dos indicadores a serem abordados na análise.

Exploração do material. Nesta etapa organizamos os trechos recortados dos depoimentos em categorias empíricas identi-

ficadas a partir dos significados que emergiram destes, que se seguem: contato inicial com o PE; motivação para a inserção do PE na prática profissional; vantagens e dificuldades com a implementação do PE; impacto do PE na atuação profissional; e sugestões para implantação e inserção do PE na prática profissional.

Interpretação. Nessa etapa, analisamos e discutimos os significados que emergiram dos depoimentos confrontando-os com a literatura selecionada.

O estudo foi desenvolvido de acordo com a Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/CNS/MS)⁽⁵⁾, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Os participantes foram orientados sobre a natureza e os objetivos da pesquisa, anonimato e que poderiam retirar o consentimento no momento em que desejassem. A coleta de dados foi realizada após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a emissão do parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa (COÉTICA) da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para possibilitar o processamento da análise, organizamos os recortes dos relatos nas categorias: contato inicial com o PE; motivação para a inserção do PE na prática profissional; vantagens e dificuldades com a implementação do PE.

Contato inicial com o Processo de Enfermagem

Onze enfermeiros tiveram o primeiro contato com o PE na graduação por meio do conhecimento teórico, e vivenciaram a sua aplicação no exercício profissional.

[...] meu primeiro contato foi na universidade e a professora demonstrou todo o processo na teoria, mas não utilizamos durante os estágios, só cumpríamos a prescrição médica. Na prática mesmo eu vim vivenciar em 1992 aqui neste hospital na unidade coronariana, onde se começou a implementar o processo de enfermagem de acordo com a taxonomia da NANDA [...] (E1, 45 anos).

[...] foi na faculdade, nos estágios e aqui onde trabalho. Este contato como processo de enfermagem na prática nos auxilia muito, porque na faculdade você vê a teoria mas a prática é bem diferente. Este processo de enfermagem que nós usamos ele é bem completo, abrange todo o paciente [...] (E19, 27 anos)

As dificuldades dos enfermeiros estão relacionadas com o ensino na graduação, sua relação teórico-prática nos campos de aulas práticas e de estágio e até mesmo com as características individuais de aprendizagem. Portanto, um embasamento teórico é fundamental a todos os membros da Equipe de enfermagem, por meio da educação permanente⁽⁶⁾.

E nove enfermeiros iniciaram a aplicação do PE no ambiente de trabalho, revelando dificuldade no manejo, e sobretudo tempo reduzido para executar todas as etapas.

[...] foi aqui no hospital em 1997. O primeiro contato foi difícil, pois é difícil a implementação deste processo pelo tempo, requer mais tempo para se fazer as etapas e por isso dificulta [...] (E5, 36 anos).

[...] foi quando eu comecei a trabalhar aqui no hospital, no começo foi difícil porque agente não tem o hábito de fazer isto, mas aqui no meu setor ele é bastante direcionado e ajuda bastante porque ele é bem específico na parte cardiológica [...] (E13, 31 anos)

De acordo com Sousa⁽¹⁾, uma das primeiras legislações que orienta a prática do PE no País é a Resolução 272/2002 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), que determinou a implementação da PE em toda instituição de saúde, pública e privada. Outra resolução importante para a Enfermagem é a Resolução COFEN 311/2007, que reformulou o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, e trouxe vários artigos ressaltando as responsabilidades referentes aos registros de enfermagem, cujas determinações só são possíveis com a prática do PE. Mais recentemente, é possível citar a Resolução COFEN 358/2009, que revogou a Resolução no 272/2002, reforçando a necessidade de implementação da PE nos serviços de saúde, e incluiu a responsabilidade dos Técnicos e Auxiliares de Enfermagem na realização do PE.

De acordo com a Portaria n° 1.721 de 15/12/1994 do MEC⁽⁷⁾, baseada no Parecer 314 de 04/04/1994 do Conselho Federal de Educação (CFE), que fixa os mínimos de conteúdo e duração do Curso de Graduação em Enfermagem, resolve no Art. 3, Inciso 2, que “Fundamentos da Enfermagem: nesta área, compreendendo 25% da carga horária do curso, incluem-se obrigatoriamente os conteúdos técnicos, metodológicos e os meios e instrumentos inerentes ao trabalho do enfermeiro e da Enfermagem, na assistência de Enfermagem em nível individual e coletivo (em hospitais, ambulatorios e rede básica de serviços de saúde). Logo, a partir desta, foi possível a criação de disciplinas com a inclusão das teorias de enfermagem e do PE.

Motivação para a inserção do Processo de Enfermagem na prática profissional

A motivação para a inserção do PE na prática profissional estava relacionada com a eficácia no planejamento da assistência, facilitação na avaliação da assistência prestada, viabilização dos registros, possibilidade de atendimento integrado, importância na atuação profissional, e melhoria na qualidade da assistência prestada.

Eficácia no planejamento da assistência

[...] organização do trabalho de enfermagem, porque você faz uma sistematização no seu trabalho, você sabe como começar, mostra como você caminha e tem um final [...] (E12, 28 anos).

O planejamento da assistência de enfermagem garante a responsabilidade junto ao cliente assistido, uma vez que este processo nos permite diagnosticar as necessidades do cliente,

fazer a prescrição adequada dos cuidados e, além de ser aplicado à assistência, pode nortear tomada de decisões em diversas situações vivenciadas pelo enfermeiro, enquanto gerenciador da Equipe de enfermagem, promovendo a autonomia da profissão. Entretanto, transformar a realidade de uma assistência não planejada, envolve mais do que a vontade individual dos enfermeiros. Há que se desenvolver um projeto para o alcance dessa meta, no qual são imprescindíveis a vontade política, envolvimento institucional e melhoria das condições de trabalho⁽⁸⁾.

Facilitação na avaliação da assistência e viabilização dos registros

[...] quando agente segue este processo agente tem uma noção de como ter uma assistência mais palpável, registrada, chegada, porque até então agente trabalhava, via o doente, mas não tinha a preocupação de registrar, avaliar e observar [...] (E8, 32 anos).

Nas instituições de saúde, o PE poderá ser um grande facilitador para a realização dessas mudanças, além de ser caminho para a tomada de decisões, pois sistematiza o cuidado e aproxima o enfermeiro do cliente/paciente/família, fortalecendo a presença indispensável deste profissional, contribuindo para o processo de reabilitação e cura do paciente⁽⁹⁾.

Possibilidade de atendimento integrado

[...] melhoria da qualidade da assistência, você coloca o seu cuidado mais voltado para o problema do paciente, naquilo que ele já está necessitando [...] (E11, 39 anos).

[...] necessidade que agente sentiu em dar uma assistência seqüenciada ao paciente, usando todo um processo, vendo o paciente como um todo e passando a tratá-lo de uma maneira sistematizada e contínua [...] (E4, 30 anos).

A aplicação do PE busca identificar e tratar os problemas do cliente, de forma segura e eficaz. Como resultado, os enfermeiros fazem julgamentos críticos e diagnósticos de enfermagem, planejando, implementando e avaliando suas ações realizadas, isso, proporcionada segurança ao cliente. Quanto à segurança para os enfermeiros, ele torna-se um instrumento adequado para o desenvolvimento de suas atividades, norteador a assistência em todo o âmbito de ação dos profissionais de enfermagem⁽²⁾.

Importância na atuação profissional

[...] motivação para implementar o processo de enfermagem foi um posicionamento profissional, para se tornar uma profissão mais definida e com um nível de informação mais elevado e elaborado [...] (E15, 29 anos).

O PE é um instrumento tecnológico, que o enfermeiro usa para favorecer o cuidado e registrar as ações de enfermagem, que possibilitam identificar, compreender, descrever e explicar as necessidades humanas⁽¹⁰⁾. Com isso, clientes, enfermeiros e equipes beneficiam-se com a implantação do PE, pois essa possibilita uma assistência integral, troca de experiências, ampliação do conhecimento e facilitação no trabalho⁽⁶⁾.

Melhoria da qualidade da assistência prestada

[...] com ele a enfermagem tem o poder de conhecer a doença do paciente e criar uma relação de confiança entre enfermeiro e paciente [...] (E7, 41 anos).

Com o desenvolvimento da ciência, muitos conhecimentos foram produzidos pela Enfermagem, como o PE, que pode ser descrito como um instrumento utilizado para as ações do cuidado. É através dele que o enfermeiro percebe os problemas de saúde, planeja, implementa as ações e avalia os resultados. Entretanto, em virtude dos modelos de saúde dominantes, a enfermagem adequou o processo de trabalho aos procedimentos, técnicas e rotinas institucionalizadas nos serviços, distanciando-se do cuidado, e das mudanças que seriam necessárias no cotidiano da assistência e do cuidado, do ensino e da pesquisa para a valorização e crescimento do PE como instrumento para sua prática⁽¹⁾.

O pensamento das autoras compactua com o significado da fala do entrevistado, quando reconhecem a importância do PE para uma prestação de assistência mais qualificada, científica, sistemática e organizada.

Os depoimentos do enfermeiro revelaram que o uso do PE favorece o relacionamento terapêutico (enfermeira-usuário), e a conduz à um atendimento integral e continuado.

Vantagens e dificuldades com a implementação do PE

As vantagens percebidas pelos enfermeiros com a implementação do PE, incluíram: promoção de um relacionamento terapêutico; valorização da profissão; facilidade na assistência integral à pessoa; definição do papel do enfermeiro na Equipe de enfermagem e na Equipe de Saúde, e incentivo para a necessidade de estudo. No entanto, as três últimas se destacaram.

Facilidade na assistência integral à pessoa

[...] nós conhecemos o paciente como um todo, ficamos mais segura em relação ao tratamento, aumenta a confiança do paciente com a enfermagem [...] (E14, 26 anos).

A aplicação do PE busca identificar e tratar os problemas do cliente, de forma segura e eficaz. Como resultado, os enfermeiros fazem julgamentos críticos e diagnósticos de enfermagem, planejando, implementando e avaliando suas ações realizadas, isso, proporcionada segurança ao cliente. Quanto à segurança para os enfermeiros, ele torna-se um instrumento adequado para o desenvolvimento de suas atividades, norteador a assistência em todo o âmbito de ação dos profissionais de enfermagem⁽²⁾.

Além dessas funções, para a equipe de Enfermagem o PE possibilita a elaboração de uma prescrição de Enfermagem com cuidados individualizados, além de viabilizar a melhoria nos registros de Enfermagem e a humanização da assistência.

Tais constatações são expressas na concepção da maior parte dos profissionais⁽¹⁾.

Incentivo para a necessidade de estudo

[...] é dinâmico, você tem que estudar muito, se dedicar bastante, ter tempo, ficar em cima das auxiliares para que as prescrições sejam chegadas [...] (E6, 45 anos).

[...] muito bom trabalhar com o PE, porque você sempre tem alguma coisa para você se direcionar, pois assim você não fica tão solta. Enquanto você trabalha alguma coisa que é uma metodologia, então você dar melhor a assistência ao paciente [...] aqui eu tenho vivido muitas experiências boas porque realmente ele norteia o trabalho da gente e do auxiliar [...] (E14, 26 anos).

O significado atribuído ao PE e o modo como ele é aplicado à prática profissional são dinâmicos, modificando-se ao longo do tempo e de acordo com os diferentes cenários da prática assistencial. Assim, podem ser identificadas gerações distintas do PE, cada uma delas influenciada pelo estágio do conhecimento e pelas forças atuantes que lhe são contemporâneos⁽¹¹⁾.

Nesse contexto, a enfermagem deve ter conhecimentos e atitudes que possam resguardar sua autonomia, seu caráter e sua competência na realização de uma assistência organizada. Em presença dos relatos dos enfermeiros, é bom lembrar que a autonomia profissional da enfermagem só será alcançada, por meio de conhecimentos técnico-científicos, de atividades legais e, primordialmente, do desenvolvimento de uma prática humanizada. A elevação da autoestima dos profissionais de enfermagem, obtida através da utilização do PE, expressa a confiança no próprio potencial, a certeza da capacidade de enfrentar os desafios da profissão e a consciência do próprio valor da busca do sucesso profissional⁽²⁾.

Concorda-se com as autoras ao afirmarem que o PE define o papel do enfermeiro, junto ao usuário, à equipe de saúde, à família e à instituição, no desenvolvimento do seu objeto de trabalho, que é o cuidado de enfermagem.

As dificuldades relatadas pelos enfermeiros consistiram de resistência de alguns enfermeiros, recursos humanos insuficientes, falta de comprometimento dos enfermeiros, déficit de conhecimento em relação ao PE e à taxonomia da NANDA, imposição da instituição do enfermeiro como “tarefeiro”, descaso das auxiliares e técnicos de enfermagem com a prescrição de enfermagem, e a demanda de tempo para aplicação do PE. Dentre as dificuldades mais ressaltadas pelos entrevistados, destacamos: resistência de alguns enfermeiros; recursos humanos insuficientes, falta de comprometimento dos enfermeiros, déficit de conhecimento em relação ao PE e à taxonomia da NANDA, e imposição da instituição do enfermeiro como “tarefeiro”.

Resistência de alguns enfermeiros

[...] ainda existem duas colegas enfermeiras que não são comprometidas com o processo, não querem se re-

ciclar, não participam de reuniões e fazem uma prescrição que deixam muito a desejar [...] (E16, 24 anos).

A implementação do PE demanda habilidades e capacidades cognitivas, psicomotoras e afetivas, que ajudam a determinar o fenômeno observado e o seu significado; os julgamentos que são feitos e os critérios para sua realização; e as ações principais e alternativas que o fenômeno demanda, para que se alcance um determinado resultado⁽¹¹⁾.

Apesar do PE oferecer ao enfermeiro uma possibilidade de organizar seu trabalho com base em uma filosofia e um método que prioriza a individualidade do cuidado, os profissionais enfrentam adversidades para sua implementação. Observam-se entre os motivos para a sua não realização a falta de tempo, de conhecimento teórico, de exercício prático e de recursos, além da organização de espaços para discussão da temática desde a graduação⁽⁶⁾.

Uma das dificuldades mais apontadas no discurso dos enfermeiros no cotidiano profissional é a falta de reconhecimento de seu papel, tanto pelos usuários, quanto por outros membros da equipe. Isso pode ser justificado por ainda persistir uma prática empírica, sem o planejamento das ações e sem a aplicação do conhecimento científico na prática do cuidado de enfermagem⁽¹⁾.

Devido a necessidade de tempo e de esforço para aprender e implementar o PE, para fins de disponibilizar um cuidado mais humanizado e ter acessos a outros benefícios, muitos profissionais preferem o comodismo. Os profissionais que têm atitudes mais favoráveis ao PE, provavelmente terão mais facilidade para envolverem-se nas mudanças requeridas para sua implantação e implementação, e aqueles com atitudes mais desfavoráveis, provavelmente, terão mais dificuldade⁽¹²⁾.

Recursos Humanos insuficientes

[...] primeiro é que é pouco tempo que agente tem para atender a demanda da unidade. Deveria ter um número maior de profissionais. Em segundo lugar, é a não checagem das prescrições de enfermagem [...] (E9, 41 anos).

A falta de educação permanente, de estímulo e de recursos humanos, que foram considerados pelos participantes, são sem dúvida, fatores limitantes ao envolvimento do profissional no processo de implementação da PE. As dificuldades relacionadas à operacionalização do PE podem provocar a perda do estímulo por parte dos enfermeiros e, como consequência, causar insatisfação e desmotivação da equipe. Portanto, o estímulo e a atualização de conhecimentos contribui para melhorar o desempenho da equipe e aumentar a credibilidade da enfermagem perante a equipe multiprofissional⁽¹³⁾.

Déficit de conhecimento em relação ao PE e à taxonomia da NANDA

[...] Como já havia dito a maior dificuldade foi com a terminologia da NANDA. A educação continuada promo-

veu cursos, aulas, mas ainda continuamos com dificuldade neste aspecto, pois é uma coisa muito ampla e cada paciente é diferente e você tem que usar muito o raciocínio crítico para levantar os diagnósticos de enfermagem para cada paciente [...] (E18, 23 anos).

Portanto, houve a constatação de que o delineamento metodológico qualitativo tem sido amplamente empregado nas publicações da enfermagem. As publicações demonstraram que a tendência temática prevalente é o diagnóstico de enfermagem, utilizando a taxonomia da NANDA como classificação dos mesmos. Considera-se que existem ainda muitas lacunas na produção de conhecimento sobre o tema, em especial o levantamento da produção do conhecimento sobre o PE⁽¹⁴⁾.

O desinteresse das instituições empregadoras no cuidado direto e no planejamento da assistência realizados pelo (a) enfermeiro (a), privilegiando-se o bom andamento (administrativo/gerencial) do serviço de enfermagem; o déficit de profissionais, acarretando número expressivo de pacientes a cuidar; a falta de destreza na execução de algumas técnicas, pondo em risco a avaliação da competência profissional; a dificuldade do cumprimento das ações prescritas pelo enfermeiro, devido ao despreparo dos auxiliares de enfermagem, representantes majoritários da força de trabalho no período. Dessa forma, conclui-se que as dificuldades e resistências experimentadas não podem ser contabilizadas apenas à vontade dos profissionais, uma vez que estão permeadas por interesses os mais diversos, quase sempre antagonicos⁽¹¹⁾.

Imposição da instituição do enfermeiro como “tarefeiro”

[...] utilização deste processo é fácil, mas se torna mais difícil é porque a enfermagem se acostumou em assumir vários papéis como o de vários profissionais e assim nós não temos tanto tempo para fazer um P. E. bem completo e seqüenciado [...] (E2, 24 anos).

Magalhães⁽¹⁵⁾ faz referência que durante muitos anos, a enfermagem limitou-se a realizar atividades automaticamente, sem reflexão de sua prática, negando a divisão técnica e deslocando o objeto de seu trabalho do cuidado para a gerência.

Descaso dos auxiliares de enfermagem com a prescrição de enfermagem

[...] com os auxiliares de enfermagem também tive problemas, pois tive que mostrar à eles a importância do processo de enfermagem e que seria importante para nós e para eles e que eles seriam mais valorizados profissionalmente e a assistência prestada iria melhorar a qualidade e teriam um maior controle no que foi feito [...] (E13, 28 anos).

Apesar do mesmo ser um processo planejado pelo enfermeiro, sugere-se que durante o processo de implantação, o coordenador da equipe deva buscar estratégias de participação e envolvimento de todos, enfermeiros, técnicos e auxilia-

res, com o intuito de evitar a desarticulação das atividades desenvolvidas pela equipe e que o nível médio perceba sua importância e significado⁽¹⁰⁾.

Demanda de tempo para aplicação do PE

[...] no início houve uma certa resistência por parte das colegas, por que como nós temos que prescrever o paciente, evolui-lo e temos que registrar as intercorrências, isto reduz muito o nosso tempo [...] (E6, 35 anos).

As etapas do PE são uma preocupação para sua implementação, uma vez que elas irão modificar o processo de trabalho empregado habitualmente. Isto implicará em inovações, aprendizado e quebra de paradigmas, tanto internamente quanto no que se refere aos outros membros da equipe de saúde⁽¹⁾. Essa carência de conhecimento cognitivo leva esses profissionais de certa forma a terem resistência em aceitar e aplicar o PE, e também relatam que não gostam de utilizá-lo devido ao tempo, o número de pessoas na equipe, e por ser uma atividade muito teórica, sem aplicabilidade prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados sobre a experiência dos enfermeiros com o PE, percebe-se em seus relatos a importância do PE para definição do seu papel junto ao usuário e à instituição, e na qualidade da atenção prestada. Também, mencionaram em dificuldades, tais como: déficit de conhecimento teórico-prático, falta de interesse de outros enfermeiros, e omissão das auxiliares e técnicos de enfermagem em relação ao cumprimento da prescrição dos cuidados de enfermagem, naqueles que lhes são atribuídos a responsabilidade de executá-los, conforme a Lei do Exercício Profissional.

Assim, é possível compreender as razões pelas quais o PE ainda não é uma rotina no cotidiano do enfermeiro, e como as barreiras estão sendo enfrentadas para a sua implantação e monitoramento. Ressalta-se que para implantar e implementar a PE é, sobretudo, imprescindível a adequação de recursos humanos e um programa de educação permanente nas instituições para capacitação de recursos humanos, e implantação e monitoramento sistemático durante e após a implantação.

Os resultados deste estudo apontam para a efetivação e fortalecimento do Programa de Integração Docente-Assistencial (ou Ensino-Serviço), visando facilitar a relação da teoria com a prática, investindo na formação do aluno e oportunizando a troca de experiência entre ensino e serviço. Assim, sugere-se a implantação sistemática do PE em parceria com as instituições de ensino nas instituições de saúde, independentemente do nível de atenção, primário, secundário e terciário.

REFERÊNCIAS

1. Souza MFG, Santos ADB, Monteiro AI. O processo de enfermagem na concepção de profissionais de Enfermagem de um hospital de ensino. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2013; 66 (2): 167-73.
2. Medeiros AL, Santos SR, Cabral RWL. Sistematização da assistência de enfermagem na perspectiva dos enfermeiros: uma abordagem metodológica na teoria fundamentada. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 2012; 33 (3): 174-81.
3. Garcia TR, Nobrega MML. Processo de enfermagem: da teoria à prática assistencial e de pesquisa. *Escola Anna Nery, Revista de Enfermagem* 2009; 1(13): 188-93.
4. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2011.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução Nº466 de 12 de dezembro de 2012. Regulamentação da Pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: CONEP/CNS; 2012.
6. Luiz FF, Mello SMM, Neves ET, Ribeiro AC, Tronco CS. A sistematização da assistência de enfermagem na perspectiva da equipe de um hospital de ensino. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*. 2010 out/dez;12(4):655-9. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a09.htm>. Acesso em 02/02/2016.
7. Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Portaria Nº 1.121 de 15/12/1994. Fixação dos mínimos conteúdo e duração do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília: MEC; 1994.
8. Silva EGC, Oliveira VC, Neves GBC, Guimarães TMR. O conhecimento do enfermeiro sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem: da teoria à prática. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* 2011; 45(6): 698-709.
9. Freitas EP, Sponchiado FC, Zanatta EA. O Processo de Enfermagem como perspectiva na melhoria da qualidade da assistência. *Revista de Enfermagem da URI* 2007; 2(3): 101-22.
10. Santos MGPS, MEDEIROS MMR, GOMES FQC, Endrs BC. Percepção de enfermeiros sobre o Processo de Enfermagem: Uma integração de estudos qualitativos. *Revista Rene* 2012; 13 (3):712-23.
11. Garcia TR, Nóbrega MML. Processo de enfermagem: da teoria à prática assistencial e de pesquisa. *Escola Anna Nery, Revista de Enfermagem* 2009; 1(13): 188-93.
12. Guedes ES, Turrini RNT, Sousa RMC, Baltar VT, Cruz DALM. Atitudes dos profissionais de enfermagem relacionadas ao Processo de Enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2012; 46 (spec):130-37.
13. Oliveira CM, Carvalho DV, Peixoto ERM, Camelo LV, Salviano MEM. Percepção da equipe de enfermagem sobre a implementação do Processo de Enfermagem de uma unidade de um hospital universitário. *Revista Mineira de Enfermagem* 2012; 16 (2): 258-63.
14. Duran ECM, Toledo VP. Análise da produção do conhecimento em processo de enfermagem: estudo exploratório-descritivo. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 2011; 32(2): 234-40.
15. Magalhães HC, Abreu LF, Novaes WS, Mendonça MM, Moreira-Silva EAS, Medeiros-Silva, DC. Processo de trabalho: sua importância na organização da prática assistencial de enfermagem na saúde coletiva. *Revista de Enfermagem da UFPE* 2008; 2(4): 121~32.

Recebido em: 09.09.2016

Aprovado em: 20.09.2016